

Em sua atividade, os homens e as mulheres, no trabalho, tecem. Do lado trama, os fios que os ligam a um processo técnico, às propriedades da matéria, das ferramentas ou dos clientes, a políticas econômicas – eventualmente elaboradas em outro continente –, as regras formais, ao controle de outras pessoas... Do lado urdidura, ei-los ligados à sua própria história, ao seu corpo que aprende e envelhece, a uma enorme quantidade de experiências de trabalho e de vida, a diversos grupos sociais que lhes proporcionam saberes, valores, regras, com as quais eles compõem dia após dia, ligados também aos seus próximos, pois são fonte de energia e de preocupações; ligados a projetos, desejos, angústias, sonhos [...] (Daniellou *in* Durrive e Schwartz, 2007, p. 105).

Nesse volume 13 número 3, temos novamente uma edição que concretiza nosso planejamento de elaborar um dossier por ano. Nessa revista temos à frente dessa organização a presença da linha de pesquisa *Educação e processos de exclusão social* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos.

Os artigos que compõem o dossier desenvolvem cada um na sua singularidade, o tema da produção de conhecimento pelos trabalhadores. De forma especial, analisam e discutem esta produção pelos sujeitos no espaço tensionado que existe entre a “trama” e a “urdidura”. A maior parte da reflexão apresentada resulta das reflexões ocorridas na IV Jornada de Produção e Legitimação de Saberes para e no Trabalho ocorrida em 2008 na Unisinos. Nesta, com a presença do filósofo Yves Schwartz do Departamento de Ergologia da Universidade de Provença e da doutora em Educação Daisy Cunha (UFMG), que realizou seus estudos de doutorado com Schwartz, o grupo analisou a contribuição da ergologia - campo pluridisciplinar de investigação sobre a atividade - para o entendimento das relações entre atividade de trabalho e produção de saberes para e no trabalho.

No artigo *O conhecimento informal dos trabalhadores no chão de fábrica* de Naira Franzoi (UFRGS) a autora analisa a questão do saber dos trabalhadores – entendido como aquele que se desenvolve no chão de fábrica, no ato da produção – a partir de uma pesquisa feita em uma empresa do ramo metal-mecânico, no contexto da introdução do modelo toyotista de organização do trabalho no início dos anos 90. Este artigo, com base em resultados de pesquisa, ilustra o legado significativo da Sociologia

do Trabalho sobre o tema dos saberes produzidos em situação de trabalho.

Maria Clara Bueno Fischer (Unisinos) e Lia Tiriba (UFF) as autoras trazem à reflexão elementos para se problematizar o processo de produção de conhecimento sobre o trabalho associado tomando como referência a experiência dos trabalhadores que, premiados pelo desemprego, associam-se de forma coletiva e autogestionária na produção. O artigo intitula-se *De olho no conhecimento “encarnado” sobre trabalho associado e autogestão*. O adjetivo encarnado carrega um duplo sentido: de “carne” e de cor “encarnada”.

O terceiro artigo *De artesanos a trabajadores: dos estudios sobre la regulación de los saberes del trabajo* analisa o tema da regulação de saberes em duas experiências argentinas: o ensino dos ofícios mecânicos no Virreinato del Río de la Plata e a formação dos maquinistas ferroviários durante o período de organização do Estado Nação. Maria Luz Ayuso e Nicolás Arata (Universidade de Buenos Aires) apresentam as ações desenvolvidas por artesãos e ferroviários para regular os saberes de seus respectivos ofícios. Analisa a articulação entre os ordenamentos discursivos e a rede de práticas que se produzem em torno da regulação dos saberes.

Em *Experiência e formação experiencial: a especificidade dos adquiridos experienciais*, Carmen Cavaco (Universidade de Lisboa) sistematiza e analisa alguns elementos sobre as questões da experiência e da formação experiencial. A autora parte da necessidade de se retomar tais elementos com base na constatação da emergência de políticas e práticas que valorizam a experiência e reconhecem os adquiridos experienciais registrando-se uma tendência à sua naturalização. Para a autora isso dificulta a análise crítica de tais práticas e políticas.

Daisy Cunha (UFMG) discute, no artigo *Lições de pedra: das minas de saberes e valores* a produção de saberes sobre trabalho na perspectiva da abordagem ergológica a partir de uma experiência de desenvolvimento de um Dispositivo Dinâmico à Três Polos (DDTP) desenvolvida por pesquisadores e trabalhadores do setor mineral no estado de Minas Gerais.

A contribuição da linguística da enunciação para os estudos sobre saberes no trabalho é trazida no artigo de Marlene Teixeira e Éderson Cabral. Em *Linguística e*

Ergologia: um diálogo possível os autores argumentam que a perspectiva enunciativa de estudo da linguagem de Émile Benveniste apresenta pontos de contato com a ergologia e, portanto, pode com ela dialogar em investigações sobre a atividade de trabalho. Ambos focalizam os efeitos da intervenção sempre singular do sujeito no uso da linguagem/na atividade de trabalho. É trazida uma análise de verbalizações sobre a atividade de trabalho no sentido de ilustrar a reflexão proposta.

Na sessão dos artigos avulsos Maria de Fátima Barbosa Abdalla apresenta, no artigo intitulado *As implicações da pesquisa como espaço formativo para compreender a prática docente* resultados parciais de pesquisa em que se buscou conhecer as necessidades de estagiários e professores considerando as implicações da pesquisa neste processo.

No artigo *Os limites da democracia: quando a política (des)educa e a educação (des)politiza*, Marcello Baquero e Rute Baquero examinam a assimetria entre a democracia formal procedimental e a democracia na sua dimensão social. Decorrente dessa análise propõe o conceito de capital social para a construção de relações sociais pautadas na confiança recíproca na perspectiva de fortalecer o processo de construção democrática. Propõe ainda uma educação emancipatória como dispositivo fundamental para o fortalecimento de uma cultura política democrática.

O último artigo é um texto traduzido do Professor Yves Schwartz e compõe o dossier. É um artigo que toma por base os referenciais da ergologia e o tema do desenvolvimento. Discute os saberes pertinentes para pensar projetos de futuro para as coletividades humanas. No

artigo *Produzir saberes entre aderência e desaderência* o autor desenvolve sua argumentação tendo como base uma questão central: qual o equilíbrio entre os saberes produzidos na dimensão histórico-local e aqueles cuja elaboração conceitual escapa a esse enraizamento?

É sem dúvida uma revista que finaliza o ano provocando homens e as mulheres, em especial do mundo da academia, a pensarem no trabalho que tecem. De um lado a trama, os fios que os ligam a um processo mais estruturado pela lógica da produção do conhecimento e do outro lado a urdidura que liga essas pessoas à sua própria história, aos seus corpos que aprendem e envelhecem. Aprendem experiências de trabalho e de vida por meio de diversos grupos entremeando saberes e valores.

Nosso desejo é que essa leitura possa ampliar ainda mais nosso debate em 2010.

Boa leitura!

Edla Eggert
Comitê Editorial

Maria Clara Bueno Fischer
Organizadora do Dossier

Referências

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs). 2007. *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói, EdUFF, 309 p.